

Literatura marginal: análise do conto "solar dos príncipes"¹ *Literature marginal: analysis of the tale "solar dos príncipes"¹*

¹ Artigo parcialmente publicado em livro no primeiro semestre de 2015

Neide Cristina da Silva¹, Maria Aparecida Costa dos Santos²

¹Bacharel em Turismo, Graduada em História. Especialista em Educação e Gestão de RH. Mestre em Educação pela UNINOVE. Doutoranda em Educação pela UNINOVE. Professora de História na Rede Estadual de Ensino. (neidesilva87@hotmail.com)

²Professora de Educação Física na PMSP, graduada na Unesp/Rio Claro; mestrado em educação pela Uninove e doutoranda em educação pela FE/USP. (cida_costa@msn.com)

Recebido em 23 de janeiro de 2015; Aceito em 17 de junho de 2015.

Resumo

O presente artigo busca analisar o conto "Solar dos príncipes" que constitui uma parte da obra Contos Negreiros de Marcelino Freire. Trata-se de um dos dezesseis cânticos desta obra que é uma importante produção da literatura marginal brasileira. Entende-se por literatura marginal, aquela produzida por escritores periféricos, que retratam o cotidiano da classe pobre e produzem uma literatura emancipatória, capaz de mobilizar e promover mudanças em uma realidade cruel, violenta e preconceituosa. A análise do conto se deu tendo como referencial teórico as categorias alienação, opressão e conscientização de Paulo Freire.

Palavras-chave: Literatura Marginal; Alienação; Opressão; Conscientização.

Abstract

This article seeks to analyze the tale "Solar dos Príncipes" which constitutes part of the work "Contos Negreiros" of Marcelino Freire. It's one of the sixteen chants of this work that is an important production from Brazilian marginal literature. We understand by literature marginal, the one that is produced by peripheral writers that portray the daily life of the poor class and produce an emancipatory literature, able to mobilize and to promote changes in a cruel, violent and prejudiced reality. The tale analysis was given having as a theoretical reference to the alienation, oppression and consciousness of Paulo Freire's categories.

Keywords: Literature Marginal; Alienation; Oppression; Consciousness.

LITERATURA MARGINAL: PRINCIPAIS CONCEITOS E AUTORES DA CENA MARGINAL

O tempo histórico é determinante no desenrolar das histórias narradas por meio da literatura universal. A representação da realidade recheado por situações de conflito, violência, descaso, impunidade entre outros, são elementos que compõem a atual e crescente Literatura Marginal. Segundo Soares (2008), o termo marginal surgiu em meados dos anos 1970, em virtude da resistência cultural que se firmava e alastrava no meio artístico, especialmente no campo literário, focado em subverter os padrões de qualidade, ordem e bom gosto. Segundo Pereira *apud* Nascimento (2009)¹, esses textos eram marcados pela ironia, uso da linguagem coloquial e do palavrão, versando sobre temas polêmicos (sexo e tóxicos) e do cotidiano das classes privilegiadas.

A expressão Literatura Marginal, de acordo com Nascimento (2009), é decorrente ao contexto da ditadura militar, na década de 1970. Dentre os autores mais significativos da época, pode-se citar João Antônio (1937-1996), que entre os anos de 1960 e 1970 lançou obras como *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*, que retratavam os prazeres dos “malandros”, contraventores e trabalhadores. Assim como Plínio Marcos (1935-1999), escreveu sobre prostituição, problemas sociais e o submundo urbano, além de ter vendido seus livros no eixo Rio-São Paulo durante toda a década de 1960.

Nascimento (2009) também identificou como uma das características desse movimento marginal, a criação de circuitos de produção e divulgação alternativos nos teatros, na música, no cinema e principalmente, na literatura ao serem publicados textos em livrinhos mimeografados, pichações em muros, jornais e camisetas. Uma característica muito semelhante dos atuais autores marginais é que muitos deles têm seus textos publicados com a ajuda de editoras que estão fora do circuito editorial, ou com o auxílio da comunidade, ONG's e em blogs especializados em Hip-Hop, além de na sua maioria serem afrodescendentes.

Os intitulados “poetas marginais”, da década de 1970, eram oriundos das classes média e alta, de origem europeia, estudantes universitários e possuíam vínculos com a comunidade artística. No caso dos atuais “poetas periféricos”, todos são oriundos da classe baixa, alguns são, ou foram detentos, cantores de *rap* e não se dedicam exclusivamente à arte literária, a maioria ainda é balconista, camelô etc. O contexto da “marginalidade” como elemento para agredir o sistema, para contestar a política, fora ressignificada para uma nova população, pouco menos poética e mais agressiva, em que a palavra “rebeldia” foi substituída pelo termo “revolta”.

Quanto aos consumidores desses escritos da década de 1970, eram também membros das classes privilegiadas, pois essas produções não se destinavam ao viés popular ao retratar marcadamente grupos de uma estrutura social elitizada.

Segundo Soares, tais conceitos e paradigmas foram reaproveitados sob uma nova ótica, outra perspectiva distinta da ideia original e tampouco sem a mesma “efervescência artística” (2008, p.92). É, portanto, uma literatura marginalizada pela sociedade, escrita por um grupo que não só representa uma parcela da população, mas é parte dessa população. E segundo Ferréz, citado por Nascimento:

[...] a Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo (2009.p. 68).

Este autor, Ferréz, identificou-se com o termo Literatura Marginal ao ler sobre autores desse período histórico como João Antônio e Plínio Marcos, porque como eles, também fazia uma literatura diferenciada, à margem do rio, da sociedade intelectual e como o próprio Ferréz diz “sempre me chamaram de marginal” (NASCIMENTO, 2009, p. 43). E por conta dessa identificação, Ferréz foi impulsionado, com a divulgação do romance *Capão Pecado*, a abraçar novos projetos, agrupando outros escritores periféricos que também buscavam a oportunidade da publicação.

De acordo com Nascimento (2009, p. 76) o grande diferencial desses escritores às literaturas do circuito editorial, está relacionado ao fato de que, além de observadores, são também atores dos espaços retratados no texto, sujeitos marginais inserindo suas experiências sociais no plano cultural.

Ou seja, do mesmo modo que carências sociais são divulgadas, “é uma maneira diferenciada de formular identidades coletivas e de reproduzir a cultura da periferia”. (NASCIMENTO, 2009, p.164). Portanto, são escritores que não codificam suas histórias, para que as mesmas possam atingir o maior número de pessoas da periferia, utilizando-se da linguagem coloquial, gírias, palavrões e expressões comuns aos moradores da região. São publicações alternativas com preços acessíveis, com divulgação nas escolas e até palestras com exemplares gratuitos para as comunidades carentes como meio de divulgação dos trabalhos.

Benevenuto (2010), analisando os escritos da literatura marginal para a sua dissertação de mestrado, constatou que esse tipo de escrita tem por objetivo provocar, causar indignação até que a ação se faça necessária para a mudança das coisas, tal como elas estão dadas.

A literatura conforma a relação do homem com o mundo exterior e é nessa relação que o escritor marginalizado procura espaço, ser parte da mudança estrutural. Em sua obra, “*O que é Literatura*” (1993) Sartre destaca que a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo a sua volta e considerar-se inocente diante dele. Escrever é um ato de liberdade, esse ato se propaga tornando o leitor livre para a compreensão ou o engajamento de novos ideais que circundam o cotidiano ficcional, ou não.

Percebe-se que a Literatura Marginal, também, tornou-se autônoma e segundo Bachelard (1998), ao assumir-se nesse sentido, a arte inicia um novo ponto de partida. Um ponto de partida socialmente construído na prática comunitária, na escrita de um grupo por meio de um coletivo marginalizado reflexivo, pois para escrever um livro é preciso refletir.

A literatura não pode ser considerada imutável, com categorias fixas e permanentes, ou meramente definida como “bela, universal e eterna” (BENEVENUTO, 2010, p. 30). A literatura é uma representação artística de uma transformação social e histórica,

¹ A antropóloga Érica Nascimento traça um perfil comparativo de ambas as tendências marginais na literatura em sua obra “Vozes marginais na Literatura”, 2009. Neste estudo, apenas alguns trechos de relevância serão utilizados.

constantemente redefinida por aquele que escreve, assim como por aquele que a lê.

Santos (2008) compreende que essa literatura está na contramão da bem sucedida tradição literária rompendo com o entendimento linear e hierárquico. O escritor da periferia tem consciência da sua condição de periférico, de marginalizado, não permitindo a ele se desvincular das suas raízes, pois ele atua de dentro, sendo assim, não consegue desprender-se das situações diárias, da própria marginalidade, conhece sua relação de oprimido-opressor e divulga suas ideias para que o (a) oprimido (a) possa também se conscientizar, ou seja, engajando-se na sua função de escritor tornando-se o porta-voz e a consciência daquele que lê.

Segundo Oliveira (2009) é, a partir desta circunstância que revestirá certo realismo de uma humanidade que não idealiza nem universaliza a condição humana, mas a compreende "de dentro", a partir da experiência do sujeito.

De acordo com Benevenuto (2010), a literatura marginal surgiu nos meios acadêmicos como uma arma, capaz de transformar ou contar ao menos uma história silenciada, "na qual vale mesmo que a própria violência venha à tona em resposta a violência sofrida" (p. 63), ou seja, ser do "contra", falar contra o discurso hegemônico. Ao discutir sobre autores da literatura marginal, o autor observa que, no entendimento desses, a violência é a resposta do caos proporcionado pela burguesia, uma resposta considerada justa.

Para Velloso "esta é uma escrita que alude ou compactua com objetivos do rap advindo das periferias de São Paulo, incentivando um grande pacto coletivo de união de forças questionando as vidas lançadas ao desprezível e ao intolerável" (2007, p. 16). Neste momento ao "dar voz às agruras" sobressaem-se, por um instante, usando como veículo de protesto a escrita, divulgando as ideias antes de serem exterminados ou banidos pela invisibilidade, insignificância e anonimato.

PRINCIPAIS AUTORES

No início do século XX tem-se um dos primeiros nomes da literatura periférica e marginal, Lima Barreto (1881-1922). Mestiço, pobre e morador da periferia do Rio de Janeiro, foi um dos primeiros autores deste século a retratar em suas obras, personagens deslocados social e psicologicamente. Sua literatura é desvinculada dos padrões e gosto vigentes da época, e por isso, o escritor recebe muitas críticas dos acadêmicos e de seus pares. Sua obra é produzida por um marginalizado e periférico e retrata as injustiças sociais das primeiras décadas da República. E, em 1915 publica *Triste fim de Policarpo Quaresma*, sua principal obra literária, também publicou *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* (1919). Lima Barreto morre precocemente em 1922 de um ataque cardíaco, sem ter o reconhecimento do valor de sua obra.

Em meados do século XX, um dos primeiros escritos que possuía essa nova perspectiva do que seria uma literatura advinda da periferia foi escrita por uma ex-catadora de lixo e doméstica, Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Carolina foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas ao escrever uma matéria sobre a expansão da favela do Canindé. Com pouca escolaridade, favelada, mulher, negra e pobre, fez da literatura realística um meio de denúncia sócio-política.

A obra mais conhecida, que teve tiragem inicial de dez mil exemplares (esgotados na primeira semana), e traduzida em 13 idiomas, é Quarto de Despejo, publicada em 1960. Também escreveu *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963) e *Diário de Bitita* (1982, póstumo).

Paulo Lins publicou em 1997, o livro Cidade de Deus, sobre a vida nas favelas do Rio de Janeiro. O enredo tornou-se filme e o filme tornou-se um marco no cinema nacional. Morador da favela carioca Cidade de Deus, começou como poeta nos anos 1980 como integrante do grupo Cooperativa de Poetas, por onde publicou seu primeiro livro de poesia: *Sobre o sol* (UFRJ, 1986). Graduado no curso de Letras foi contemplado - em 1995 - com a Bolsa *Vitae* de Literatura. Participou como assistente de um estudo sociológico e nesse período escreveu *Cidade de Deus*.

A partir dos anos de 2000, o surgimento desses novos autores marginalizados ganhou destaque com o lançamento do polêmico romance escrito por Ferréz: "Capão Pecado". Ferréz é o pseudônimo de Reginaldo Faria da Silva, nome que virou marca registrada deste morador do distrito do Capão Redondo localizado na Zona Sudoeste da Cidade de São Paulo, no qual é sinônimo de pobreza, violência e abandono. Autor de dez livros, entre romances e crônicas, trabalhou como colunista na revista Caros Amigos, onde publicou uma edição especial sobre Literatura Marginal, participou e participa de palestras sobre educação e literatura em diferentes instituições dentro e fora do país. Apresentou programas de entrevistas no canal aberto, além de desenvolver projetos sociais na comunidade onde mora e trabalha.

Alessandro Buzo está na estrada há mais tempo que Ferréz, contudo tornou-se mais conhecido há poucos anos. Possui uma livraria no centro da cidade chamada Suburbano Convicto, além de *site* na internet. É autor de vários livros, ativista social, colunista, repórter e cinasta brasileiro.

Iniciou como escritor em 2000 com o livro O Trem: baseado em fatos reais, que originou a música "O Trem" do grupo RZO. Lançou mais dez livros: Suburbano Convicto: o cotidiano do Itaim Paulista (2004), Guerreira (2007), Favela Toma Conta (2008), Buzo 10 anos (2010), Hip Hop: dentro do movimento (2011), Dia das crianças na periferia (2011), Do conto a poesia (2011), O trem: contestando a versão oficial (2012) e finalmente em 2014 lançou Favela toma conta 2. Dirigiu o filme Profissão MC de 2006, é colunista do jornal Boletim do Kaos, organiza a coletânea literária Pelas Periferias do Brasil e fez parte por três anos do programa "Manos e Minas", onde apresentava o quadro Buzão. Além dos escritores citados, também se tem outros nomes de destaque como: Renan Inquerito, MC, líder do grupo Hip Hop Inquerito (de Campinas e que esta há 15 anos na estrada), professor de geografia, mestre em geografia pela Unicamp (2012), assinou o roteiro da "Ópera Rap Global" em parceria com o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos e lançou o livro de poesia concreta #PoucasPalavras (2011), que trata da literatura marginal/periférica no Brasil; Rodrigo Ciríaco, professor de história na rede pública de ensino de São Paulo, autor dos livros Te pego lá fora (2008), 100 mágoas (2011) e participou com contos nos livros Pode pá, que é nós que tá (2012), Saraus de Mar

(2011), *Do luto a luta (2011)*, *Je suis favela (2011) entre outros*; Sergio Vaz poeta e fundador do Sarau da Cooperifa em 2001 é autor dos livros *Subindo a ladeira mora a noite* (1988), *Colecionador de Pedras* (2007), *O machado, o talarico e a racha* (2008), *O Colecionador de Pedras* (2007), *Cooperifa: antropofagia periférica* (2008), *Literatura, pão e poesia* (2011) etc.

De acordo os estudos realizados por Santos (2011), apesar do forte apelo à violência física, pois a violência e a marginalidade estão na base das condições de produção da própria escrita, os autores deste novo fenômeno literário, estão cientes da sua realidade e das dificuldades impostas àqueles que são parte do mundo subalternizado e da opressão de ideias.

A partir do momento que a população oprimida toma a verdadeira consciência da sua capacidade, este se torna uma ameaça ao poder do sistema, pois ao se libertar o(a) oprimido(a) passa a não aceitar as péssimas condições dos serviços públicos, o aumento abusivo da cesta básica e a falsa caridade burguesa. E segundo Ferréz, “o que escrevemos só é nocivo pros porcos ricos, que dizem não saber o porquê de tudo isso” (2009, p. 53).

A partir daí, ainda citando Santos (2011) tem-se uma relação muito próxima destes autores com características sociais, econômicas e emocionais tão semelhantes há realidade de uma grande parte da população brasileira, na qual convive diariamente com problemas tão legítimos ao seu cotidiano diário.

SOLAR DOS PRÍNCIPES

O conto “Solar dos príncipes” constitui uma parte da obra *Contos Negreiros* (2005) de Marcelino Freire. De acordo com o site Marcelino Freire ossos do “ofídio” O escritor nasceu na cidade de Sertânia, interior de Pernambuco. Atualmente vive em São Paulo e é um dos principais escritores brasileiros do circuito marginal/periférico. É autor dos livros de contos *Angu de Sangue* (2000), *Balé Ralé* (2003), *Contos Rassif* (2008), *Amar É Crime* (2011), organizou a antologia *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século* (2004). Em 2014 ganhou o prêmio Machado de Assis de melhor romance pelo livro intitulado *Nossos Ossos* (2013). Também criou o selo “eraOdito editOra”, e trabalha em parceria com a Ateliê Editorial e a revista literária *PS:SP*. Em 2005 foi convidado pela Editora Record para lançar o livro *Contos negreiros*, com o qual ganhou o prêmio Jabuti 2006. No mesmo ano, criou a “Balada Literária”, evento anual na Vila Madalena – SP (GRAMATICA DA IRA, 2011)

“Solar dos príncipes” é um dos dezesseis “Cantos” do livro *Contos negreiros* que atualmente está em sua 6ª edição no Brasil e foi publicado na Argentina em 2013. O autor utiliza-se de uma linguagem coloquial e aborda temas como preconceito de raça, classe e gênero, homossexualismo, tráfico de órgãos, turismo sexual entre outros, retratando a realidade de periféricos que travam uma batalha diária para sobreviver. Também satiriza a classe média/alta que enxerga os moradores das periferias como “coisas” ou quase como animais exóticos.

No conto em análise o narrador é um dos quatro negros e uma negra que resolveram descer o Morro do Pavão para filmarem um documentário que retrate um dia de Domingo de uma família da classe média/alta do Rio de Janeiro.

Ao chegarem ao prédio, o porteiro que também é negro e possui a consciência hospedeira da consciência opressora (FREIRE, 2005), logo deduz que os cinco negros ou são bandidos ou prestadores de serviços subalternos, perpetuando o preconceito racial e social, que é fruto da alienação que o próprio trabalhador está imerso.

O alienado “é o homem desprovido de si mesmo” (CODÓ, 1985, p. 8). No sentido filosófico, alienação é um conceito que define a condição de um ser que se encontra privado de sua essência. Segundo Pinto, “no sentido histórico, social, a alienação se refere ao estado do indivíduo, que não retira de si as matrizes com que constitui sua consciência e, sim, os recebe passivamente de fora” (2007, p. 52). O indivíduo perde sua essência, sua dignidade de ser livre. A essência que exhibe não é a sua, mas a do outro, mais forte, que o submete. Ainda, de acordo com Pinto (*ib.*), a consciência alienada, que não se sente ligada à sua realidade autêntica e pretende resolver os problemas de sua sociedade por meio de critérios e métodos que não foram extraídos de sua realidade, mas recebidos de fora.

A alienação não é um problema recente e o seu conceito já foi discutido por pensadores, como Hegel e Marx, no século XIX. Para Hegel alienação é “o processo pelo qual o Espírito se projeta para fora de si, sendo que a dialética do senhor e do escravo vai conduzir à consciência infeliz que, ao projetar fora de si parte de seu eu, surge como consciência alienada” (HEGEL, 1947 *apud* SCHWARTZMAN, 1961). Para Marx, a alienação refere-se a uma situação resultante dos fatores materiais dominantes da sociedade, caracterizada por ele, sobretudo, no sistema capitalista, em que o trabalho humano se processa de modo a produzir coisas que imediatamente são separadas dos interesses e do alcance de quem as produziu, para se transformarem, indistintamente, em mercadorias (SCHWARTZMAN, 1961).

Paulo Freire, na obra *Pedagogia do oprimido* (2005), aborda a questão da alienação na educação e na sociedade, ao tratar da fragmentação do conhecimento que é transmitido “em retalhos da realidade desconectados da totalidade” (p. 65).

Sendo assim, o porteiro julga os moradores do morro de acordo com os preconceitos de seus empregadores, não percebendo que esta reproduzindo os pensamentos e ações de uma classe social que não é a sua, mostrando-se alienado e, portanto, alheio a sua própria realidade.

No momento seguinte do conto, o narrador confessa que a ideia de realizar um documentário com os bacanas fora ideia dele, afinal “o pessoal vive subindo o morro para fazer filme [...] Os malandrões entram, tocam no nosso passado. A gente se abre que nem passarinho manso [...] hoje é Domingo. A gente se quer saber como a família almoça”. Neste momento, ocorre uma inversão de papéis em que os marginalizados deixam de ser objeto e passam a serem sujeitos e como forma de resistência a desumanização que lhes fora imposta, se transformam em produtores de um curta-metragem, mostrando que perderam o medo da liberdade e “libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam” (FREIRE, 2005, p.48), sendo necessário que o oprimido se liberte para libertarem o opressor da sua condição de classe opressora.

No entanto, o porteiro, não entende. Não consegue se libertar da consciência opressora e começa a apertar a companhia de vários apartamentos, pedindo ajuda, solicitando que chamem a polícia.

A polícia como grande órgão repressor do Estado, continua a cumprir a sua missão de zelar não pela vida (principalmente se for de preto e pobre) e sim do patrimônio material dos "cidadãos de bem". E mais uma vez, a história se repete e os aspirantes a cineastas terão que lidar com a polícia, os tiros, enfim, com a violência física e moral, que está tão presente na força policial do século XXI, como estava nas mãos dos senhores de escravos no século XVI.

Não tem quem goste de polícia. A gente não quer esse tipo de notícia. O esquema foi todo montado num puta dum sacrifício. Nicholson deixou de vender churro. Caroline desistiu da boate. Eu deixei esposa, cadela e filho. [...] Começamos a filmar tudo [...] O trânsito que transita. A sirene da polícia. Hã? A sirene da polícia. Todo filme tem sirene de polícia e tiro. Muito tiro. (FREIRE, 2012, p. 26).

Acontece, porém, que os protagonistas deste conto, submergiram da alienação e não permitem que os outros lhes façam ser menos, por isso, improvisam: "[...] E a ideia não era essa. Tivemos que improvisar. Sem problema, tudo bem. Na edição a gente manda cortar" (*Ibidem*, p. 26).

De modo que a narrativa encerra-se demonstrando que os quatro negros e uma negra, suburbanos e marginalizados, não estão mais alienados, aceitando passivamente a exploração e violência que lhes são impostas, são protagonistas, sujeitos e não objetos, com consciência crítica, resistindo à opressão.

Conscientização que para Freire, é apresentada como a superação da esfera espontânea de abordagem da realidade, chegando-se a uma postura crítica. É um teste de realidade, no qual esta se des-vela e não pode existir fora da práxis. O autor completa "que por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico e [...] implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo" (FREIRE, 2008, p. 30).

É também Paulo Freire (2008) que desenvolve uma reflexão a respeito dos diferentes níveis de consciência. Fala de uma consciência semi-intransitiva, que é característica das sociedades fechadas em que predomina a cultura do silêncio. Nesse nível, os únicos fatos que a consciência dominada capta estão na órbita da própria experiência e o indivíduo, por não perceber a estrutura, atribui a origem da sua realidade a fatos externos e que estão fora da sua realidade objetiva. Por exemplo, um morador da favela que, diariamente, é discriminado, passa por dificuldades financeiras e não possui apoio governamental ou privado, estando em um nível de consciência semi-intransitiva, acredita que a culpa pela sua situação é dele e "quando Deus quiser as coisas vão melhorar".

Em um processo de transição, em que uma sociedade fechada vai progressivamente se dinamizando, as contradições econômicas, sociais e políticas emergem e a consciência popular se torna mais exigente, ao perceber a "não-naturalidade" do *status quo* que entra em crise e, nesses casos, não é raro surgirem líderes populistas que se apresentam como "salvadores da Pátria" e tentam transformar o povo em massa, por meio da manipulação. Nesse processo, surge a consciência ingênuo-transitiva que, a princípio, aparece nos pequenos grupos de intelectuais e que, quanto mais se acentuam as contradições sociais, mais esses grupos se multiplicam e vão se unindo às massas populares.

No nível mais elevado estaria a consciência crítica, que "é o processo no qual aqueles que estavam submersos na realidade começam a sair para se reinserirem nela com uma consciência crítica" (FREIRE, 2008, p. 88). E complementa:

A superação de uma atitude mágica dá, gradualmente, primeiro uma opinião vaga – frequentemente tomada de outrem – depois uma apreensão não crítica dos fatos e enfim, no caso da conscientização, uma captação correta e crítica dos verdadeiros mecanismos dos fenômenos naturais ou humanos (FREIRE, 2008, p. 90).

Consciência crítica que a literatura marginal vem demonstrando que possui. Sendo uma literatura escrita na periferia, por autores periféricos que falam sobre a sua realidade e não a de outrem, pois como disse Renan Inquérito: "Vou ser breve: Se a história é nossa deixa que # nóisescreve" (2011, p.16).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENEVENUTO, Silvana José. *A escrita como arma: uma análise do pensamento social na Literatura Marginal*. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade de São Paulo, 2010. (Dissertação de Mestrado)

BIOGRAFIA. Marcelino freire. Disponível em: <http://marcelinofreire.wordpress.com/marcelino-freire/>. Acesso: Dez/2014.

- BRUM, Eliane. Crime sem sangue. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI225087-15230,00-CRIME+SEM+SANGUE.html>. Acesso: Maio de 2015.
- CARVALHO, Igor. Sérgio Vaz, o poeta sonhador da quebrada, completa 25 anos de carreira. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/05/sergio-vaz-o-poeta-sonhador-da-quebrada-completa-25-anos-de-carreira/>. Acesso: Junho/2015.
- CIRIACO, Rodrigo. Efeito colateral. Disponível em: <http://efeito-colateral.blogspot.com.br/2014/11/lancamento-te-pego-la-fora-rodriigo.html>. Acesso: Maio de 2015.
- CODO, Wanderley. *O que é alienação?* São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GRAMÁTICA DA IRA: Marcelino Freire (2011). Disponível em: <http://gramaticadaira.blogspot.com.br/2011/07/marcelino-freire-visita-bahia-preta-da.html>. Acesso: Junho/2015.
- FREIRE, Marcelino. *Contos negreiros*. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. pp.23-27.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009 a.
- _____. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 3.ed. São Paulo: Centauro, 2008.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- _____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à Prática Educativa*. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FERRÉZ. *Cronista de um tempo ruim*. São Paulo: Selo Povo, 2009.
- INQUERITO, Renan. *Poucas palavras*. São Paulo: Edição Toni C, 2011.
- NASCIMENTO, Erica Peçanha. *Vozes Marginais na Literatura*. São Paulo: Aeroplano, 2009.
- OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. “De Coetze a Ferréz: lições de humanismo e realismo”. *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*. Porto Alegre, Vol. 05, Nº. 01, jan/jun 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/nauliteraria/article/viewfile/9759/5786>. Acesso em: 11 de junho de 2010.
- PINTO, Álvaro Vieira. *Sete lições sobre educação de adultos*. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SANTOS, Carolina Correia. *Capão Pecado e a construção do sujeito marginal*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2008 (Dissertação de Mestrado)
- SANTOS, Maria Aparecida Costa. *Ensino paralelo na periferia: uma visão da educação à luz de Ferréz*. São Paulo, Faculdade de Educação. Universidade Nove de Julho, 2011 (Dissertação de Mestrado)
- SARTRE, Jean Paul. *O que é literatura?* São Paulo: Editora Ática, 1993.
- SCHWARTZMAN, Simon. *Para um conceito de alienação política*. 1961. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos/conceito-sociologico-alienacao/conceito-sociologico-alienacao.shtml>. Acesso em 15 de jun. 2011.
- SOARES, Mei Hua. *A literatura marginal-periférica na escola*. São Paulo, Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2008 (Dissertação de Mestrado)
- VELLOSO, Luciana Mendes. *Capão pecado: sem inspiração para cartão-postal*. São Paulo, Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. (Dissertação de Mestrado)

